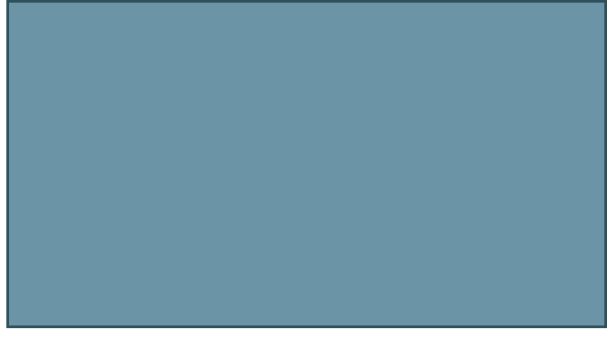


# INTRODUÇÃO | INTRODUCTION



## **Ecos de Vida e Morte: Perspectivas Interdisciplinares e Intermedia**

### **Equipa Editorial**

Martina Altalef (CEComp)

M. Francisca B. B. de Alvarenga (CEComp)

Telma Carvalho (CEComp)

Ana Anselmo Davies (NOVA-FCSH)

Clara Samwell Diniz (U. Lisboa)

Inês Hortas Marques (FLUL)

Patrícia Sá (CEComp | CEAUL)

Alexis F. Viegas (CEComp)

**DOI:** 10.51427/com.est.2024.03.02.0002



© 2024 Autor(es) | The Author(s).

[Creative Commons Attribution 4.0 International License \(CC-BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Em 2021, a *estrema: revista interdisciplinar de humanidades* iniciou um novo percurso. A antiga Equipa Editorial, dirigida por Francisco C. Marques, Elisa Rossi e Teresa Líbano Monteiro e composta por Alexis F. Viegas, M. Francisca B. B. de Alvarenga e Maria Rosaria Corvino, desenvolveu uma jornada científica que expandiu os horizontes estéticos e editoriais daquela que havia sido a única revista de jovens investigadores do Centro de Estudos Comparatistas, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Esta transformação reflectiu-se numa nova imagem, numa renovada presença nas redes sociais e numa actualização dos objectivos da *estrema*, que se compromete, até hoje, a ser um ponto de contacto seguro para a primeira experiência editorial académica de muitos estudantes e investigadores. O resultado deste esforço editorial está espelhado em dois números, que reuniram contribuições exímias de diversas áreas disciplinares, num espírito verdadeiramente comparatista. Após o sucesso do volume anterior, que explorou a relação entre luzes e sombras, e encerrou o ciclo editorial da Equipa que reavivou a *estrema* que hoje apresentamos, encontrámos o desafio de dar continuidade a este trabalho e trazer novas dinâmicas.

No espírito de renovações e sucessões, decidimos trazer um novo dístico orientador: vida e morte. Deste modo, a Equipa Editorial da *estrema: revista interdisciplinar de humanidades* tem o prazer de apresentar o segundo número do seu terceiro volume: “Ecos de Vida e de Morte: Perspectivas Interdisciplinares e Intermédia”. O tema procura desvendar a relação entre existência e mortalidade, e todas as realidades que se enquadram nesta dinâmica, não exclusivamente dicotómica, examinando como essas forças moldam a nossa compreensão das artes, das humanidades, das ciências sociais, entre outros. Vida e morte, embora aparentemente contrárias, coexistem num ciclo contínuo que influencia várias facetas da experiência humana, desde investigações filosóficas e expressões artísticas até dinâmicas socioculturais e considerações ecológicas.

Embora uma tenda a representar a ausência da outra, a coexistência destes dois estados do ser permeia muitos e diferentes aspectos da experiência humana. A inevitabilidade da morte paira sobre os vivos, convivendo com a azáfama do dia-a-dia, numa tensão implícita, onde o medo do fim se dilui entre tarefas quotidianas e pausas de lazer. A sua presença está sempre latente até ao momento de confronto com a efemeridade — um encontro transformativo, fonte de inspiração, que transcende fronteiras disciplinares e artísticas.

Os exemplos culturais, artísticos, sociais, linguísticos, entre outros, são amplos. A morte e a vida são potências criadoras, por vezes uma a partir da outra, num ciclo que pode ser tanto devastador quanto gerador — a vida traz morte; a morte traz vida.

Com isto em mente, convidámos o escritor e historiador David Soares para escrever o prefácio desta edição. Com um texto intitulado “Morte e Loucura: medição e interrupção do Tempo”, Soares discorre sobre os modos de representar a morte e a passagem do tempo, começando pelo Homem Zodiacal e as suas figurações quatrocentistas e quinhentistas. Destaca ainda a progressiva associação da loucura a representações sobre a morte. Refere que o tempo apenas pode ser figurado em objetos mecânicos, dada a sua incomensurabilidade, mas que a morte permite que o ser humano dê conta do fluxo do mesmo. De seguida, Soares debruça-se sobre os significados dos rituais que visam a preservação e armazenamento dos cadáveres e reflecte sobre o que essas representações revelam acerca do ser humano, o de outrora e o actual.

O primeiro ensaio deste número é da autoria de Francisca Brasil, intitulado “Ondjango angolano e animismo africano no conto ‘A morte do Velho Kipacaça’, de Boaventura Cardoso”, e oferece uma leitura do realismo animista africano através do levantamento do sobrenatural e das estratégias narrativas adoptadas no conto de Cardoso. Com foco nos excertos relativos a *ondjangos* — conceito

de origem angolana para descrever encontros sociais de diálogo, de partilha e de resolução de questões comunitárias —, o texto evidencia as formas como estas práticas culturais são lugares de fala e de resistência, e como a cosmovisão animista africana tem a capacidade de resgatar vozes ancestrais através do uso do sobrenatural, principalmente em textos pós-coloniais.

Em “A personagem feminina no universo da ficção: anotações sobre a morte na literatura brasileira escrita por mulheres”, Ilmara Valois B. F. Coutinho destaca três obras da literatura brasileira de autoria feminina, cujas protagonistas são sujeitas a formas de violência de gênero e feminicídio. Tratam-se dos contos “A língua do ‘p’”, de Clarice Lispector (1974), “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles (1971), e do romance *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Mello (2019). Coutinho argumenta que obras como as de Lispector, Telles e Mello nomeiam o *possível* e respondem ao *impossível* — parafraseando Maurice Blanchot (2010) — e remetem para a prevalência de necropolíticas patriarcais, mesmo em contextos democráticos que reconhecem a vida como direito inviolável. Considerando ainda o pensamento de autores como Giorgio Agamben e Achille Mbembe, a autora reflecte sobre a condição de morte das mulheres, tanto nas páginas literárias como no quotidiano.

No ensaio “Saudade, loss and longing in Katherine Vaz’s short fiction”, Inês de Lacerda analisa dois contos da autora luso-americana Katherine Vaz, “My Bones Here Are Waiting for Yours” (2008) e “Blue Flamingo Looks at Red Water” (2016), cujas narrativas exploram a devastação maternal face à morte de um filho. Através de uma leitura de elementos de temporalidade e da influência da saudade, a autora contempla a experiência de luto e as noções de destino. Estas articulações, que evocam nas personagens um constante deslocamento cognitivo e emocional, oferecem novas manifestações literárias na experiência da perda e da aceitação e caracterizam uma negociação muito presente na ficção de

Vaz.

Em “The Technological Posthumous Fantasies of J. G. Ballard”, Pedro Groppo propõe a classificação de várias obras do cânone *ballardiano* como “fantasias póstumas”, narrativas em que os protagonistas se encontram situados no território liminar entre a vida e a morte. Groppo concentra-se sobretudo no romance *The Unlimited Dream Company* (1979), no qual se evidenciam duas transições na obra do escritor inglês: por um lado, de cenários tecnológicos de aço e betão para um espaço natural e orgânico; por outro, de personagens aprisionadas em sistemas solipsistas para um protagonista, Blake, que procura a transcendência colectiva do corpo. Referindo ainda autores como Andrzej Gasiorek e Norman O. Brown, Groppo argumenta que as transições observadas na obra de Ballard não devem ser lidas como movimentos entre opostos, mas entre forças complementares, próprias de uma visão da morte enquanto limiar transformador da consciência e da imaginação.

Em “Those Who Live at the Shoreline: Life & Death of the Dalit Subalterns as seen in Amitav Ghosh's *The Hungry Tide* and Arundhati Roy's *The God of Small Things*”, Sakshi Sethi propõe uma leitura comparada de dois romances indianos contemporâneos para observar a caracterização de personagens Dalit enquanto indivíduos subalternos, a quem é recusada a cidadania plena. O artigo sugere que, dentro e fora destas narrativas, e em particular no contexto da Índia pós-colonial, as dinâmicas do poder político produzem a exclusão e a desumanização de determinados indivíduos, e estuda as interpenetrações de vida e morte que surgem desta hierarquização fundada na existência de vidas qualificadas como não-dignas de ser vividas ou mesmo descartáveis.

No artigo “Dead or Alive? Living *Oeuvres* and *Tableaux Vivants*: Pictorial Stillness and Arrested Motion as Vehicles for Sculptural Subtexts in Cinema”, Sílvia Diogo concentra-se nos usos do *tableau vivant*, género de imitação performática

de figuras humanas representadas em pinturas e esculturas, num conjunto de filmes. Na análise, observam-se as oscilações entre movimento e imobilidade como recursos estéticos para elaborar passagens da vida para a morte, e viceversa, na representação da figura humana.

Partindo da poesia urbana alemã, Sofia Ribeiro analisa os poemas “Proletarierkinder”, de Alfons Petzold, e “An die Verstummten”, de Georg Trakl. Através de uma leitura próxima dos poemas, mas também de uma contextualização histórica e social da sociedade alemã dos inícios do século XX, Ribeiro apresenta a cidade como espaço privilegiado da tensão entre a vida e a morte, ancorada numa lógica da centralidade do silêncio.

A *estrema* irá incluir também, e pela primeira vez, uma secção de entrevistas. A primeira convidada foi Gisela Monteiro, investigadora da Divisão de Gestão Cemiterial da Câmara Municipal de Lisboa. Nesta entrevista, Monteiro explora a complexa relação entre vivos e mortos na contemporaneidade, abordando temas como a evolução dos rituais fúnebres, as práticas de conservação do património cemiterial e o impacto das novas tecnologias no luto. Através de exemplos da cultura portuguesa e de outras, Gisela Monteiro reflecte sobre as mudanças de mentalidade relativamente à morte, cada vez mais afastada do dia-a-dia, e discute as repercussões emocionais da pandemia da COVID-19, bem como o potencial dos cemitérios para promover um luto saudável. Entre curiosidades históricas e reflexões culturais, esta entrevista convida a pensar o futuro das práticas funerárias e do significado dos espaços cemiteriais na sociedade. Já o Professor João Pedro d’Alvarenga, o segundo convidado, debruça-se sobre questões relacionadas com a morte e a música no contexto português entre a Idade Média e o início do Período Moderno. Com particular ênfase em várias Crónicas que relatam funerais e trasladações reais e em obras que regem os preceitos dos rituais fúnebres, analisa também iluminuras em manuscritos litúrgicos e devocionais, que revelam

não só os costumes de uma época, mas também os ecos políticos e sociais que implicavam, delineando, assim, o papel central da música nos rituais ligados à morte.

O presente número conta ainda com duas recensões críticas. Cláudia Capela analisa *Acreditar nas feras* (2023), de Nastassja Martin, antropóloga que investiga as cosmologias e visões animistas dos povos do Ártico e cujo encontro com um urso foi mote para esta obra. Capela dá conta das oscilações discursivas do texto, desde o relato em primeira pessoa à reflexão sociopolítica, e do carácter conjectural do mesmo. Capela salienta ainda a promoção de uma postura de tranquilidade em relação à mudança e de renúncia ao controlo sobre a vida e morte.

Na segunda recensão, dedicada ao livro *Na Raiz de Todos os Males: Terror Doméstico no Século XXI* (2023, edição de José Duarte e Sanio Santos da Silva), Filipe Afonso e Marta Oliveira destacam dois capítulos, “Growing Under Your Skin: A Mãe Monstruosa em *The Babadook*”, de Elisabete Lopes, e “‘A House as Old as this One Becomes, in Time, a Living Thing’: O Terror Doméstico em *Crimson Peak*”, de Ana Rita Martins e Diana Marques. Afonso e Oliveira salientam o contributo original que estes capítulos representam para o estudo do terror desenvolvido em Portugal, já que ambos se focam nas questões de género implícitas nas obras analisadas. Contextualizando, de forma breve, a obra editada por Duarte e Silva no panorama do estudo do terror nas artes e, mais precisamente, do papel da mulher neste âmbito — estudos ainda escassos em Portugal —, Afonso e Oliveira trazem para a discussão o gótico feminino, a maternidade e o feminino monstruoso, apontando o livro, e estes capítulos em particular, como essenciais para o estudo do terror desenvolvido em Portugal.

Por último, resta-nos agradecer a todos os autores e entrevistados pelo seu contributo, bem como ao artista italiano Nunzio Paci que tão gentilmente



permitiu que a sua peça *Wild Clavicula / Clavicola Selvatica* (2021) — uma radiografia alterada manualmente e montada numa caixa de luz — figurasse na capa deste número. Aos nossos leitores, pedimos que desfrutem desta viagem pelos meandros da vida, da morte e de todas as possibilidades entre elas.

## **Echoes of Life and Death: Interdisciplinary and Intermedia Perspectives**

### **Editorial Team**

Martina Altalef (CEComp)

M. Francisca B. B. de Alvarenga (CEComp)

Telma Carvalho (CEComp)

Ana Anselmo Davies (NOVA-FCSH)

Clara Samwell Diniz (U. Lisboa)

Inês Hortas Marques (FLUL)

Patrícia Sá (CEComp | CEAUL)

Alexis F. Viegas (CEComp)

**DOI:** 10.51427/com.est.2024.03.02.0002



© 2024 Autor(es) | The Author(s).

[Creative Commons Attribution 4.0 International License \(CC-BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

In 2021, *estrema: interdisciplinary journal of humanities* embarked on a new path. The former Editorial Team, led by Francisco C. Marques, Elisa Rossi, and Teresa Líbano Monteiro, and composed of Alexis F. Viegas, M. Francisca B. B. de Alvarenga, and Maria Rosaria Corvino, initiated a scholarly journey that expanded the aesthetic and editorial horizons of what had been the sole journal for young researchers at the Centre for Comparative Studies, School of Arts and Humanities, University of Lisbon. This transformation was reflected in a new visual identity, an enhanced presence on social media, and updated objectives for *estrema*, which remains committed to being a reliable point of contact for the first academic publishing experience of many students and researchers. The result of this editorial effort is evident in two issues that brought together outstanding contributions from various disciplinary fields, in a truly comparative spirit.

Following the success of the previous volume, which explored the interplay between light and shadow and marked the conclusion of the editorial cycle of the team that revitalised the *estrema* we present today, we were faced with the challenge of continuing this work and introducing new dynamics. In the spirit of renewal and succession, we have chosen a new guiding motto: life and death. Thus, the Editorial Team of *estrema: interdisciplinary journal of humanities* is pleased to present the second issue of its third volume: "Echoes of Life and Death: Interdisciplinary and Intermedial Perspectives."

This theme seeks to unravel the relationship between existence and mortality, and all the realities that fall within this dynamic, which is not exclusively dichotomous. It examines how these forces shape our understanding of the arts, humanities, social sciences, and beyond. Life and death, though seemingly opposed, coexist in a continuous cycle that influences various facets of human experience, from philosophical inquiries and artistic expressions to sociocultural

dynamics and ecological considerations.

Although one often tends to represent the absence of the other, the coexistence of these two states of being permeates many different aspects of human experience. The inevitability of death hovers over the living, coexisting with the bustle of daily life in an implicit tension where the fear of the end dissolves among routine tasks and moments of leisure. Its presence is always latent until the moment of confrontation with transience — a transformative encounter, a source of inspiration that transcends disciplinary and artistic boundaries.

The cultural, artistic, social, and linguistic examples, among others, are vast. Life and death are creative forces, sometimes born from one another, in a cycle that can be both devastating and generative — life brings death; death brings life.

With this in mind, we invited writer and historian David Soares to write the preface for this edition. In his text titled “Morte e Loucura: medição e interrupção do Tempo,” Soares discusses ways of representing death and the passage of time, beginning with the Zodiac Man and its fifteenth- and sixteenth-century depictions. He further highlights the progressive association of madness with representations of death. He observes that time can only be represented in mechanical objects due to its immeasurability, but that death allows humans to become aware of its flow. Following this, Soares delves into the meanings of rituals aimed at preserving and storing corpses, reflecting on what these representations reveal about humans, both past and present.

The first essay in this issue, authored by Francisca Brasil, is titled “Ondjango angolano e animismo africano no conto ‘A morte do Velho Kipacaça,’ de Boaventura Cardoso.” It offers a reading of African animist realism through the exploration of the supernatural and the narrative strategies adopted in Cardoso’s story. Focusing on excerpts related to *ondjangos* — an Angolan concept describing

social gatherings for dialogue, sharing, and resolving community issues — the text highlights how these cultural practices serve as spaces of expression and resistance. It also emphasises how the African animist worldview has the capacity to retrieve ancestral voices through the supernatural, particularly in post-colonial texts.

In “A personagem feminina no universo da ficção: anotações sobre a morte na literatura brasileira escrita por mulheres”, Ilmara Valois B. F. Coutinho examines three works of Brazilian literature authored by women, in which the protagonists are subjected to forms of gender violence and femicide. These works include Clarice Lispector’s short story “A língua do ‘p’” (1974), Lygia Fagundes Telles’s “Venha ver o pôr do sol” (1971), and Patrícia Melo’s novel *Mulheres empilhadas* (2019). Coutinho argues that such works name the *possible* and respond to the *impossible* — paraphrasing Maurice Blanchot (2010) — highlighting the prevalence of patriarchal necropolitics, even in democratic contexts that recognise life as an inviolable right. Drawing from thinkers like Giorgio Agamben and Achille Mbembe, the author reflects on the condition of death imposed on women, both in literature and daily life.

In “Saudade, Loss, and Longing in Katherine Vaz’s Short Fiction,” Inês de Lacerda analyzes two stories by Luso-American author Katherine Vaz: “My Bones Here Are Waiting for Yours” (2008) and “Blue Flamingo Looks at Red Water” (2016). These narratives explore maternal devastation in the face of a child’s death. Through an analysis of temporality and the influence of ‘saudade,’ the author contemplates the experience of mourning and notions of destiny. These articulations, which evoke constant cognitive and emotional displacement in the characters, offer new literary manifestations of the experience of loss and acceptance, characterising a negotiation central to Vaz’s fiction.

In “The Technological Posthumous Fantasies of J. G. Ballard,” Pedro Groppo proposes classifying several works from Ballard’s canon as “posthumous fantasies,” narratives in which protagonists inhabit the liminal space between life and death. Groppo focuses particularly on the novel *The Unlimited Dream Company* (1979), highlighting two transitions in Ballard’s work: a shift from technological and urban settings to natural and organic spaces, and a movement from characters trapped in solipsistic systems to a protagonist, Blake, seeking collective transcendence of the body. Referencing authors such as Andrzej Gasiorek and Norman O. Brown, Groppo argues that these transitions should not be read as movements between opposites but as complementary forces, reflecting a vision of death as a transformative threshold for consciousness and imagination.

In “Those Who Live at the Shoreline: Life & Death of the Dalit Subalterns as Seen in Amitav Ghosh’s *The Hungry Tide* and Arundhati Roy’s *The God of Small Things*,” Sakshi Sethi offers a comparative reading of two contemporary Indian novels, observing the characterisation of Dalit individuals as subalterns denied full citizenship. The article suggests that both within and outside these narratives, particularly in the post-colonial Indian context, political power dynamics produce the exclusion and dehumanisation of certain individuals. It studies the interplay of life and death resulting from this hierarchy, rooted in the classification of some lives as unworthy of living or even disposable.

In “Dead or Alive? Living *Oeuvres* and *Tableaux Vivants*: Pictorial Stillness and Arrested Motion as Vehicles for Sculptural Subtexts in Cinema,” Sílvia Diogo focuses on the use of the *tableau vivant* — a performative imitation of human figures depicted in paintings and sculptures — in a selection of films. Her analysis observes the oscillations between movement and stillness as aesthetic tools to elaborate transitions between life and death, and vice versa, in the representation

of the human figure.

Sofia Ribeiro, drawing from German urban poetry, analyzes the poems “Proletarierkinder” by Alfons Petzold and “An die Verstummten” by Georg Trakl. Through close readings of the poems and a historical and social contextualisation of early 20th-century German society, Ribeiro presents the city as a privileged space of tension between life and death, anchored in a logic centered on silence.

For the first time, *estrema* includes an interview section. The first guest, Gisela Monteiro, a researcher from the Lisbon City Council's Cemeterial Management Division, explores the complex relationship between the living and the dead in contemporary society. She discusses topics such as the evolution of funeral rituals, cemetery heritage preservation practices, and the impact of new technologies on mourning. Monteiro reflects on how changing mentalities increasingly distance death from daily life, the emotional repercussions of the Covid-19 pandemic, and cemeteries' potential to promote healthy mourning.

In the second interview, Professor João Pedro d'Alvarenga delves into the relationship between death and music in Portugal from the Middle Ages to the early Modern Period. He emphasises chronicles documenting royal funerals and reburials, as well as illuminated liturgical and devotional manuscripts that reveal not only the customs of the time but also the political and social echoes they entailed, outlining the central role of music in death-related rituals.

This issue also includes two critical reviews. Cláudia Capela analyzes Nastassja Martin's *Acreditar nas feras* (2023), an anthropological exploration of Arctic peoples' animist cosmologies inspired by her encounter with a bear. Capela highlights the text's oscillations between personal narrative and sociopolitical reflection, promoting a stance of tranquility towards change and relinquishment of control over life and death.

Finally, Filipe Afonso and Marta Oliveira review *Na Raíz de Todos os Males: Terror Doméstico no Século XXI* (2023, edited by José Duarte and Sanio Santos da Silva), highlighting two chapters that focus on gender issues in horror works: Elisabete Lopes' "Growing Under Your Skin: The Monstrous Mother in *The Babadook*" and Ana Rita Martins' and Diana Marques' "'A House as Old as This One Becomes, in Time, a Living Thing': Domestic Terror in *Crimson Peak*." Afonso and Oliveira highlight the original contribution these chapters make to the study of horror developed in Portugal, as both focus on the gender issues implicit in the works analyzed. Briefly contextualizing the volume edited by Duarte and Silva within the landscape of horror studies in the arts—and, more specifically, the role of women in this domain, an area still underexplored in Portugal—Afonso and Oliveira bring to the discussion the feminine gothic, motherhood, and the monstrous feminine, identifying the book, and these chapters in particular, as essential for the study of horror developed in Portugal.

We extend our gratitude to all authors and interviewees for their contributions, as well as Italian artist Nunzio Paci who so kindly allowed his *Wild Clavicula / Clavicola Selvatica* (2021) — a manually altered x-ray on LED lightbox — to feature in our cover. Last but not least, we invite our readers to embark on this journey through the realms of life, death, and all possibilities in between.